

ENCARTE PARA O PROFESSOR

Dadá, a mulher de Corisco

Luciana Savaget

Ilustrações de Miadaira

Dadá esbanjava coragem de homem sem nunca deixar de ser feminina. De menina assustada passou a mulher destemida, ao lado dos cangaceiros, em suas fugas intermináveis pela caatinga. Mesmo vivendo sob tiros e cheiro de pólvora, teve sete filhos e foi capaz de fazer moda, costurando os famosos bornais usados pelos cangaceiros.



Assuntos: cangaço, cultura nordestina

Interdisciplinaridade: Língua Portuguesa, História, Geografia, Arte

Temas Transversais: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente

Edição 2005

32 p./ 19 x 25 cm/ ISBN 85-368-0024-0

UM OUTRO BRASIL: CANGACEIROS E CORONÉIS

No começo do século XX, no Nordeste brasileiro, em ambiente de guerra declarada, o poder era disputado entre os coronéis e os cangaceiros. Os primeiros eram, na verdade, latifundiários representantes da oligarquia formada por donos de fazendas, senadores e “coronéis”, reunindo ao mesmo tempo poder político, econômico e militar.

A serviço dos coronéis estava a Força Pública Estadual, zelosa por manter a ordem social, a despeito das flagrantes desigualdades. Parêntesis: Injustiças sociais essas que, aliás, continuam resistindo neste começo do terceiro milênio – tinha razão nosso Guimarães Rosa: “o sertão [ainda] está em toda a parte”. Pelo lado dos cangaceiros, havia somente o destemor e a luta pela vida, a religiosidade sertaneja ecoando ao mesmo tempo em que o zunido das balas, nas fugas intermináveis pela caatinga.

A saga dos cangaceiros, vivida sob o sol inclemente e entre os espinhos da “mata branca” nordestina, tem uma de suas raízes nas disputas de terra entre esses “coronéis”. Nelas, os mais poderosos tomavam à bala as terras que queriam agregar ao seu patrimônio. Acossados, os pequenos proprietários fugiam ou, para se defender das invasões, armavam toda a família para o confronto.

Encarte integrante do livro *Dadá, a mulher de Corisco*, de Luciana Savaget, ilustrado por Miadaira, publicado pela Editora DCL – Difusão Cultural do Livro. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução sem prévia autorização da editora.

O ciclo de violência começava com filhos e netos vingando a morte dos parentes e o poder público protegendo escandalosamente os mais ricos. Para tentar romper esse círculo vicioso, que parecia não ter fim, surgiram os cangaceiros independentes, movidos também eles por esses dramas familiares, dispostos a tudo para fazer justiça com as próprias mãos.

Segundo os estudiosos, além desses “injustiçados”, compunham os bandos os “aventureiros” – jovens fascinados pela liberdade proporcionada pela vida no cangaço – e os “facinoras”, sanguinários fugitivos da Justiça, estes os que mais cometiam atrocidades contra a população civil.

O DIABO LOURO E DADÁ: PAIXÃO E BALAS

O nome tinha um quê de poesia: Raso da Catarina, no Estado da Bahia. Nessa região, em 1933, após uma desavença, o bando de cangaceiros dividiu-se em dois: um ficou sob o comando de Lampião, e o outro, de Corisco. Cabelos loiros e olhos azuis, Corisco também era conhecido como Diabo Louro e Alemão. Teriam sido seus atributos nórdicos a conquistar a menina Sérgia, que, na história do cangaço, ficaria conhecida como Dadá, a companheira amorosa e costureira oficial do seu bando?

Corisco, além desses encantos, tinha certo magnetismo pessoal e professava idéias messiânicas: sonhava em criar um novo sertão sobre as ruínas pós-cangaço, sertão lavado pelo sangue derramado dos injustos. Tinha fome de justiça, sendo chamado de “espada de Deus”; devoto de São Jorge Guerreiro, parecia acreditar ser o instrumento da vingança divina contra os seculares desmandos do sertão nordestino. Não esqueçamos que se viviam então os tempos de um novo sebastianismo e o messianismo era parte da mitologia do sertão, influenciando esses cangaceiros, metade bandidos, metade heróis.

O cangaceiro Corisco, famoso por sua crueldade, valentia e beleza, rapta a menina Dadá, de apenas 13 anos. Um pouco antes, por volta de 1926, levado por uma tragédia familiar, Corisco tinha se encaminhado para o cangaço, aderindo ao bando chefiado por Lampião. O estupro da menina

acontece em meio aos campos de milho esturricados pela seca. Ele a deixa muito machucada, entregando-a depois aos cuidados das outras mulheres do bando.

Corisco parece arrepender-se de tê-la tomado à força e passa os dois anos seguintes a cortejá-la, com mimos e dengos.

Dadá se rende, finalmente, e vira mulher cheia de paixão. Corisco ensina-a então a manejar arma de fogo, ler, escrever e a contar. Tem talento para costurar e bordar, o que faz com muito gosto, para todos do bando. Se Maria Bonita era a Rainha do Cangaço, Dadá torna-se a sua Princesa. Além do seu por-



te elegante e de sua valentia guerreira, a mulher de Corisco também era respeitada por suas qualidades de vidente: com seus sonhos premonitórios, por mais de uma vez salvou o grupo das tocaias das volantes (unidades móveis da polícia), que estavam sempre a persegui-los.

Quem tinha gana feroz na perseguição era o Tenente Zé Rufino, chefe da polícia volante, que prometera a si próprio ser imortalizado pela degola de Corisco, cuja cabeça fora colocada a prêmio pelo governo. Era duríssima a vida dos fugitivos. De fuga em fuga, Dadá perdeu três dos sete filhos, ainda crianças de colo. Depois de perder o terceiro filho nessas circunstâncias, Corisco rompe o pacto com São Jorge e blasfema contra Deus, ardendo-se em dor e descrença, transformada em furor assassino. Mais tarde, esse furor o fará dizimar uma família inocente que, segundo soubera, informara à polícia o paradeiro de Lampião e seus cabras, resultando no cruel massacre destes na Fazenda Angicos, em Sergipe.



A hora e a vez do grupo de Corisco estava para chegar. O Tenente Zé Rufino não dava trégua, e a sorte viria a favorecê-lo em 25 de maio de 1940. Consta que um ex-cabra de Corisco, alcunhado de Velocidade, foi o autor da denúncia que faria o chefe da volante chegar até ele e sua companheira Dadá. O casal vivia agora escondido na fazenda Pulgas (no município de Barra do Mendes, na Bahia). Em uma emboscada certa (já que Corisco ficara com os braços aleijados numa peleja anterior), o Diabo Louro é assassinado e sua mulher baleada na perna, que terá de ser amputada. Estava morto o último cangaceiro independente do Nordeste, e o cangaço começava a viver seus últimos dias.

Essas narrativas, apesar de contadas por sobreviventes, parecem hoje tão fantásticas, como se estivéssemos a ouvir uma variação de um conto da carochinha (uma espécie de romance policial para os grandes). O que haverá de verdade em tudo isso? – dá vontade de perguntar. É certo que parte de tudo é história, outra parte talvez seja lenda, feitos quase homéricos de anti-heróis, a engrossar o caldo simbólico da geografia mítica nordestina. Uma vez que todas as lendas transcendem os fatos, a epopéia desses cavaleiros errantes dos rincões nordestinos, cantada desde então em verso e prosa, contém todos os elementos de aventura, romance, violência, amor e ódio de outras grandes sagas da humanidade.

O CÓDIGO AMOROSO DO CANGAÇO

Dadá teve uma importância fundamental no cangaço. Ela deu cor e vida à vestimenta dos cangaceiros. Mas não foi a primeira mulher a conviver com aqueles homens truculentos. Maria Bonita, mulher de Lampião, com seu ar delicado e trejeitos femininos, foi a primeira a se submeter àquele estilo de vida.

É sabido, porém, que Dadá enfrentava de igual para igual, arma cuspidando fogo e junto com os homens, as volantes que os perseguiam. Espalhando assim pelo sertão brabeza e agilidade, qualidades em que era superior a muito deles.

Além de Dadá e Maria Bonita, que abriram o caminho para que outros cabras-da- peste trouxessem suas companheiras para o bando, fato até então proibido entre eles, as mais famosas foram Lídia, Enedina, Maria de Pancada, Adília e Sila.

Seqüestradas ou, por fascínio, de livre vontade incorporadas ao grupo, a entrada dessas mulheres no cangaço humanizou um pouco os corações dos homens, endurecidos pela inclemência do clima e dos confrontos armados. Segundo palavras da própria Dadá, as outras companheiras raramente participavam dos combates e suas armas eram mais para adorno e defesa pessoal. Cada uma delas tinha um bom cavalo, vestuário adequado para a caatinga e enfeites os mais bonitos. Cuidavam dos feridos, cozinhavam e costuravam e, sobretudo, eram amorosas companheiras para seus cabras. Até onde se sabe, nunca lhes foi atribuído nenhum crime de morte; se crime houve, foi o de envolvimento com os cangaceiros, nem sempre por vontade própria.

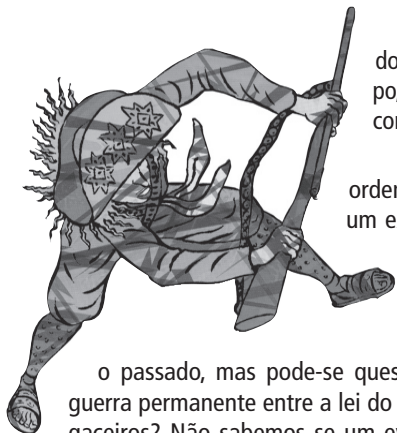
As regras morais e de convivência eram seguidas à risca. Embora não fossem casados formalmente (nem no civil nem no religioso, a exceção de Dadá e Corisco), os casais tinham privacidade. Cada um deles ficava num toldo isolado, durante os coitos (lugares em que ficavam escondidos das volantes). Quando se tratava das mulheres dos companheiros, a relação era pautada pelo respeito, mesmo por parte daqueles de caráter duvidoso. A traição era castigada com a morte. Mulheres "solteiras" (isto é, sem um companheiro específico) não eram toleradas no grupo. E se uma mulher ficava "viúva" de algum deles, deveria escolher um dentre os restantes; caso contrário, teria de deixar o bando. Às vezes, quando isso acontecia, eles preferiam matá-la, para que não delatasse o bando, caso fosse presa.

QUESTÃO CRUCIAL: A ÉTICA OU A MORAL?

Quando lemos a história do cangaço, ficamos a nos indagar: a vingança era uma resposta legítima, por parte de Virgulino Lampião, Corisco e outros cangaceiros? O que pensar de uma resposta tão visceral e tão duradoura, a fazer história no sertão nordestino? Em qualquer análise, não se pode perder a perspectiva histórica. À crueza da vida injustiçada, almas mergulhavam no breu, e espíritos turvos tinham como destino a rebeldia malsã. Era espelho refletido, talvez, repercutindo os valores distorcidos de uma sociedade toscamente patriarcal, dinâmica recursiva de caráter histórico-social.

Vivendo em uma sociedade baseada secularmente na abusiva violência simbólica dos poderosos contra os mais desfavorecidos pela sorte, a violência de rebote vinha experimentada como a única reação de legítimos cabras-da- peste, de sangue no olho, fazendo valer a antiga Lei do Talião: a do "olho por olho, dente por dente".

Sabemos que é decisiva a escolha de cada um de nós no que se refere a uma atitude ética em lugar de uma atitude moral. A *moral* é constituída pelas regras de conduta válidas para um grupo social, em determinado tempo e lugar. Já a *ética* é definida por uma reflexão acerca da conduta humana considerada boa ou má, não apenas em um grupo exclusivo, mas também no sentido absoluto, isto é, distinguindo valores que transcendem tempo e espaço. Para ser ético, o indivíduo precisa educar-se no pensamento crítico e ser capaz de analisar o comportamento humano de várias perspectivas. Essa atitude torna possível tomar com autonomia suas próprias decisões a respeito do bem e



do mal, o que traz a liberdade e, ao mesmo tempo, a responsabilidade, de uma atitude às vezes contrária à moral coletiva.

No caso em questão, a moral vigente na ordem social do sertão baseava-se muito mais em um exercício abusivo do poder que definia os códigos a serem respeitados, fossem justos ou não. A “Justiça” estava sempre do lado dos mais poderosos, isto é, das famílias dos “coronéis”. Não é coerente profetizar sobre

o passado, mas pode-se questionar: haveria outras alternativas, além da guerra permanente entre a lei do mais forte e a “desordem” trazida pelos cangaceiros? Não sabemos se um eventual tribunal histórico os condenaria. Por isso continua difícil avaliar tudo racionalmente, e a polêmica se instala sempre que um julgamento simulado é proposto para absolver ou condenar o cangaço e o “governador do sertão”, o Lampião.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Língua portuguesa e Geografia: a fala do sertão

Aproveitemos a oportunidade que o tema nos oferece para conhecer um pouco mais o “nordestinês”. Se essa linguagem popular muitas vezes é ridicularizada é também porque o povo simples sofre discriminação. A literatura de cordel e outras fontes podem proporcionar um exercício de reconhecimento da diversidade cultural e linguística do País. Por meio das obras de referência e dos versos de cordel, seria bacana incentivar os alunos a pesquisar termos e expressões próprias dos rincões sertanejos. Uma ajuda muito boa – e divertida – é a história de Lampião, em quadrinhos (v. bibliografia). Nela, todas as personagens falam a língua do sertão e a grafia acompanha a pronúncia. Ao final, o grupo poderia fazer com elas uma colagem. Recortar letras de revista e jornais, formar palavras típicas da região. Sobre um mapa do Nordeste, espetar com alfinete ou colar as palavras nas regiões onde é mais freqüente o uso de cada termo.

Oficinas de Arte: Varal de cordel e xilogravura

Os “folhetos” ou a literatura de cordel, narrativa em versos registrando fatos memoráveis, começou a circular na segunda metade do século XIX. Os poetas populares costumam classificá-la em cinco temas mais freqüentes: romance, valentia (história de um valentão, que sempre acaba mal), gracejo (uma história engraçada), desafio e encantamento (histórias de reinos encantados, com fadas e bruxas). Seria muito divertido exercitar os alunos nesse diferente fazer poético.

Adquira alguns exemplares da literatura de cordel com base na bibliografia indicativa. No site <http://www.teatrocordel.com.br/> é possível aprender algumas regras (rima, métrica, verso, estrofe e narrativa) desse gênero narrativo conhecido como poesia de cordel. Faça uma roda de leitura e, depois, sugira aos alunos criarem sua própria ver-

são em cordel sobre a saga de Dadá e Corisco. Isso pode ser feito como tarefa de grupos, para as crianças menores, que ainda não dominam muito bem a língua portuguesa.

Para crianças maiores (por causa dos cuidados com a tinta), pode-se improvisar uma oficina de xilogravura, a arte de gravar em madeira, que é a técnica utilizada pelos cordelistas para ilustrar a capa de seus folhetos. Elas poderão aprender a confeccionar as gravuras em madeira, com desenhos referentes aos temas principais da literatura de cordel. Vários tipos de madeira podem ser usados: cedro, canela, mogno etc.

A técnica é simples: passa-se o desenho para o bloco de madeira (ou desenha-se diretamente sobre ele) e, com o auxílio de ferramentas apropriadas (goivas, formões, facas), fazem-se incisões e sulcos na matriz. (Sugerimos usar somente tinta preta, como nas gravuras dos cordéis). A tinta deve ser distribuída uniformemente com um rolo de borracha próprio para impressão (ou simplesmente com uma colher), apenas na superfície da madeira, de forma que os sulcos que não receberem tinta correspondam às áreas brancas das cópias. Coloca-se o papel sobre a matriz entintada e fricciona-se levemente com uma colher de pau, até que a tinta passe da madeira para o papel. As cópias são numeradas de acordo com a tiragem efetuada. Estas são, resumidamente, as fases do processo.

Cada aluno (ou grupo) se encarrega de uma "cena" da história. Ao término, as gravuras podem compor um varal, com as "cenas" em seqüência, recontando em xilogravuras o romance de Dadá e Corisco. Os "artistas" ficarão encantados com sua criatividade e quem sabe pode começar aí a paixão pela gravura, técnica artística ainda pouco apreciada e divulgada no Brasil.

O sertão divertido: dançando o xaxado

O xaxado é uma dança que teve origem no alto sertão de Pernambuco – e que Lampião e seu bando espalharam até o interior da Bahia. Naquele tempo, somente os homens podiam participar: dançavam entre si, suas "damas" sendo as garruchas e os rifles, o ritmo marcado a coice de fuzil, os chinelos de couro fazendo xá-xá-xá no piso de chão batido (daí o nome xaxado). Hoje há grupos nordestinos profissionais do xaxado, e os pares são feitos com homens e mulheres. Segundo o mestre Câmara Cascudo, é formado um círculo em fila indiana, avança-se o pé direito em três e quatro movimentos laterais, deslizando-se ao mesmo tempo o pé esquerdo, em um rápido sapateado.

É uma dança muito alegre e vibrante; para ensinar as crianças a dançá-la, leve um disco de Luiz Gonzaga, o *Rei do Baião* (o baião de viola parece ter sido a origem da



melodia cantada somente por vozes humanas, durante o xaxado). Consta que o cantor e sanfoneiro pernambucano era admirador incontestado do cangaceiro-mor, usando nas suas apresentações roupa e chapéu inspirados na indumentária do rei do cangaço. Teria comprado muitos objetos que pertenceram a ele; diz-se até que tinha o sonho de construir o Museu do Lampião e só não o realizou porque morreu antes.

Para tornar a diversão mais completa todos podem se vestir como os companheiros de Lampião. No link <http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/trajes/sertao2.html> há fotos e explicações dos trajes e adereços usados pelos cangaceiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. *Gente de Lampião: Dadá e Corisco*. Taço Editora, 2003.

BARBOSA, Eduardo. *Lampião, rei do cangaço*. São Paulo: Ediouro, s/d.

BARRETO, Ângelo Osmiro. *Curiosidades do Cangaço*. Edições Livro Técnico, 2002.

CHIAVENATO, Júlio José. *Cangaço: a força do coronel*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DIAS, José Umberto. *Dadá*. Salvador: EGBA-Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989.

DÓRIA, Carlos Alberto. *O cangaço*. Coleção Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

KLÉVISSON. *Lampião era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*. (versão em quadrinhos). São Paulo: Editora Hedra, 2000.

NASCIMENTO, Geraldo Maia. *Amantes guerreiras. A presença da mulher no cangaço*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque e Fundação Vingt-un Rosado. Coleção Mossoroense, nº 1988, maio de 2001.

NASCIMENTO, José Anderson. *Cangaceiros, coiteiros e volantes*. São Paulo: Ícone Editora, 1998.

NAVARRO, Fred. *O dicionário do Nordeste – 5000 palavras e expressões*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

_____. *Assim falava Lampião*. São Paulo: Estação Liberdade, s/d.

PAIVA, Melquíadas Pinto. *Bibliografia comentada do cangaço I, II e III*. Fundação Guimarães Duque, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História do Cangaço*. São Paulo: Global, 1986.

SOUTO MAIOR, Mário e GASPAR, Lúcia. *Cangaço: algumas referências bibliográficas*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.

Literatura de cordel

Corisco, o sucessor de Lampião. Autor: Gonçalves Ferreira da Silva. Site: <http://www.ablc.com.br>.

Vitória de Mossoró no ano de Vinte e Sete. Autor: Luiz Campos. Coleção Queima-Bucha de Cordel nº 38. Site: <http://www.queimabucha.com>.

O ataque de Mossoró ao bando de Lampião. Autor: Antônio Francisco. Coleção Queima-Bucha de Cordel nº 11. Site: <http://www.queimabucha.com>.

A chegada de Lampião no inferno. Autor: José Pacheco. Site: <http://www.ablc.com.br>.

De Brilhante a Corisco um cangaço alumioso. Autor: Edmilson Santini. Site: <http://www.ablc.com.br>.

Debate de Lampião com uma turista americana. Autor: Franklin Maxado Nordeste. Site: <http://www.ablc.com.br>.

Maria Bonita – A eleita do rei. Autor: Gonçalves F. da Silva. Site: <http://www.ablc.com.br>.

Links

<http://www.terrabrasileira.net/>. Links especiais sobre o Brasil Folclórico e o Brasil Indígena.

<http://www.cabradapeste.hpg.ig.com.br>. Conteúdo amplo sobre o cangaço, incluindo trechos da famosa entrevista concedida por Lampião em Juazeiro do Norte (CE), em 1926.

www.soutomaior.eti.br/mario. Site do folclorista pernambucano Mário Souto Maior, atualmente mantido pela família, após sua morte, em 2001. Contém dicionários do folclore e de folcloristas brasileiros.

<http://somedomangue.uol.com.br/dicionarios/folclore.php>. Outro site com dicionário e outras informações sobre as manifestações folclóricas nordestinas.

<http://www.ablc.com.br>. Site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, fundada em 1988 no Rio de Janeiro.

<http://www.cecordel.cjb.net/>. Site do Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste- CECORDEL, fundado em Fortaleza, em 1987.

Músicas

CD *O Melhor da Banda de Pau e Corda*. (Canção *Lampião*). Gravadora: BMG. Ano: 1996

LP *Cantoria no Cangaço*. Vários intérpretes. (Canção *A vida criminoso de Lampião rei do cangaço*, interpretada pelo repentista Miguel Bezerra). Coleção Funarte, A Arte da Cantoria, vol. 4. Ano: 1989.

CD *A Festa*. Luiz Gonzaga. (Canção *Lampião falou*). Gravadora RCA Victor. Ano: 1981.

Filmes

Memória do cangaço. Direção: Paulo Gil Soares, 1965, 30 min, P&B. Produção de Thomaz Farkas. Distribuído por Funarte/Decine. (Imagens do bando de Lampião, filmadas por Benjamim Abraão entre 1935 e 1939.).

O cangaceiro. Direção: Vítor Lima Barreto. 1953, cor, 105 min. Ator principal: Milton Ribeiro. Distribuidora: Columbia Pictures. Disponível em VHS.

O cangaceiro. Direção: Aníbal Massaini Neto. (Refilmagem da obra de Lima Barreto). 1997, cor, 120 min. Atores principais: Paulo Gorgulho, Luiza Tomé, Alexandre Paternost, Ingra Liberato e Jece Valadão. Distribuidora: Paris Filmes. Disponível em VHS.

Corisco e Dadá. Direção: Rosemberg Cariry, 1996, cor, 103 min. Atores principais: Dira Paes e Chico Diaz. Distribuidora: Riofilme.

Deus e o diabo na terra do sol. Direção: Glauber Rocha. 1964, cor, 125 min. DVD restaurado e remasterizado em 2002. Distribuidora: Versátil.

Baile perfumado. Direção: Lírio Ferreira & Paulo Caldas. 1997, cor, 93 min. Atores principais: Duda Mamberti e Luís Carlos Vasconcelos (Lampião). Distribuidora: Riofilme.

Os desvalidos. Direção: Francisco Ramalho Jr. Com José Wilker e Glauce Cunha Lima. Adaptação do romance 'Os Desvalidos', de Francisco Dantas. (em processo de filmagem, ainda sem previsão de lançamento).

Maria Helena Vieira, que elaborou este encarte, é graduada e licenciada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). É afionada por poesia, literatura e artes. Defendeu, em 2004, dissertação de mestrado sobre as estruturas do imaginário do pintor Vincent van Gogh, uma parte de sua pesquisa sobre as relações entre Imaginário, Arte e Educação, desenvolvida na Faculdade de Educação da USP. Atualmente faz curso de pós-graduação em Tradução da Língua Francesa, na USP